

Discurso durante cerimônia de concessão do título de Professora Emérita.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Magnífica Reitora, Sandra Regina Goulart de Almeida; excelentíssimo Sr. Alessandro Fernandes Moreira, nosso vice-reitor; nosso sempre reitor Tomaz Aroldo da Mota Santos, atual presidente da OAP da UFMG; Profa. Graciela Ravetti, diretora da Faculdade de Letras; Profa. Sueli Coelho, vice-diretora da Faculdade de Letras; meu colega Prof. Jacyntho Brandão; autoridades presentes; alunos, técnicos administrativos e professores da comunidade da UFMG; amigos e familiares do Prof. Jacyntho Brandão, meus amigos e meus familiares.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Congregação da Fale, em particular à diretora, Profa. Graciela Ravetti, e à vice-diretora, Profa. Sueli Coelho, por terem conduzido esse processo que me deu a honra de ser professora emérita da UFMG. Quero também agradecer pelo privilégio de ser agraciada com esse título junto com o Prof. Jacyntho Brandão, profissional e colega admirável.

Agradeço a comissão que me conduziu a este auditório, Marcos, Adalberto e Luciana e à Profa. Deise Prina por suas generosas palavras.

Essa honraria, que a UFMG generosamente me concede hoje, me enche de alegria. Como disse Spinoza, “A alegria é um afeto pelo qual a potência de agir do corpo é aumentada ou estimulada”. A alegria de receber este título me estimula a continuar trabalhando na e pela UFMG.

Mas minha alegria hoje foi aumentada, por receber esse título na gestão de nossa reitora Sandra Regina Goulart de Almeida.

Para quem não sabe, há 30 anos, Sandra, então mestranda na Universidade da Carolina do Norte, me cedeu seu quarto e foi dormir em um sofá na sala, por um período de 20 dias. Essa hospedagem foi mediada por minha querida amiga e irmã do coração, Magda Velloso, com quem dividi gabinete por oito anos aqui na UFMG.

Como boa mineira, atravessei o Atlântico levando um queijo Minas, um pacote de polvilho e a maravilhosa receita de pão de queijo de minha sogra para agradar a anfitriã que eu mal conhecia. Na imigração, quase

confiscaram meu queijo, mas convenci a policial que era para minha dieta. O queijo foi liberado, a receita seguida à risca e congelamos os pães de queijo. Passávamos o dia na universidade e, toda noite, Sandra assava dois dos seus pães de queijo e eu recusava a oferta de um para garantir o abastecimento de pão queijo da anfitriã.

Muito obrigada, Sandra, por ter me hospedado e por ter sido uma amiga tão especial durante todos esses anos.

A UFMG faz parte de minha vida há 50 anos. Em 1969, ingressei como estudante na Faculdade de Direito e lá, ao final do curso, conheci o amor de minha vida, meu marido, José Eduardo de Paiva, com quem estou casada há 43 anos, 6 meses e 1 dia. Casei-me com ele e com sua numerosa e generosa família, minha família. Obrigada, família Paiva.

Tivemos filhos que nos trouxeram 2 genros, 1 nora e 3 netos. Sei que muitas vezes fui mais profissional do que esposa, mãe, avó e sogra. Sei que não foram poucos os momentos em que minha paixão pelos livros e pela minha profissão me impediram de dar a atenção devida ao meu marido, aos meus filhos, Adriana, José Eduardo (que nos deixou aos dois anos), Anna Paula e Carlos Honorato, aos meus genros Emerson e Ricardo, à minha nora Priscila, e aos meus netos Bruno, meu rei, Isabella, minha neta rainha que hoje faz 16 anos, parabéns querida, e Maria Luiza, a neta princesa. Mas acho que apesar de minha atenção dividida, eles nunca duvidaram do meu afeto e entenderam que minha vida acadêmica faz parte de minha identidade. Plagiando nossa ex-reitora Ana Lucia Gazzola, eu não sou apenas Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, sou Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva da UFMG.

Volto à minha vida de estudante. Com o apoio financeiro de meu pai, cursei, ao mesmo tempo, Letras na PUC e Direito na UFMG.

Na Faculdade de Direito, descobri que justiça e direito não são sinônimos e essa descoberta me atormentou a vida toda e, cada vez, mais me atormenta quando vejo os direitos sendo extintos, trabalhadores desempregados ou sem carteira assinada, e negros e pobres executados com o aval dos governantes.

Com colegas estudantes da PUC e da UFMG, engajei-me na luta contra a ditadura. Na PUC, fui secretária do Diretório Central dos Estudantes e

vivemos dias de terror e de medo. Nosso presidente, Gugu, foi preso e sabíamos que corríamos o risco de ter o mesmo destino por lutarmos contra o golpe.

Na Faculdade de Direito, uma colega de sala foi torturada por outro colega, um policial do DOPS e um colega de outra turma, José Carlos da Mata Machado, foi morto pela ditadura. Sua família nunca pode enterrar seu corpo.

Sonhávamos com a liberdade e não me esqueço do nosso romantismo, quando decidimos defender a Faculdade de Direito de uma possível invasão pelo exército. Provavelmente, era boato, mas passamos a noite sentados no chão do terraço, em frente ao Centro Acadêmico Afonso Pena, o CAAP. Nossas armas para defender a UFMG eram apenas nossos corpos e nossos sonhos de liberdade.

Em 1972, recém-formada em Letras, tive a honra de ser contratada pela PUC, por indicação de minha ex-professora Aimara da Cunha Resende. Obrigada, Aimara. Não vou me esquecer de sua ajuda, ainda como monitora, em 1971, na preparação das primeiras aulas, em sua casa, dividindo sua atenção com seus 5 filhos. Quis o destino que ingressássemos juntas na UFMG e que dividíssemos o gabinete com Magda Velloso.

Meu ingresso nesta Universidade se deu após 15 anos de trabalho na PUC, onde deixei muitos amigos queridos. Ser professora da Faculdade de Letras da UFMG me parecia um sonho impossível. Mas como eram muitas vagas, e com a insistência da ex-colega da PUC e amiga Elisa Galo, professora da UFMG, resolvi me atrever. Fui aprovada e contratada em fevereiro de 1985. Elisa sempre esteve ao meu lado e advogou junto à Câmara Departamental para que eu obtivesse uma licença para fazer o doutorado na UFRJ. Obrigada, Elisa. Naquela época, você afiançou aos colegas que eu faria o doutorado dentro do prazo e eu voltei antes dos 4 anos para ajudar a pagar uma greve que eu não fiz, mas que foi justa e benéfica para nossa categoria.

Aqui fiz muitos amigos e uma filha de coração, a Tânia Mateus Rosa. Sempre que almoçávamos juntas eu dizia a ela que tinha certeza de que ela fora minha filha em outra encarnação, pois ela recusava os mesmos legumes e verduras que meus filhos não comem. O tempo não me permite nomear todos os colegas técnico-administrativos, alunos e professores, e

dizer da importância de cada um nesses últimos 34 anos, mas peço licença para mencionar, pelo menos, 6 ex-alunos, que hoje são professores da UFMG: Maralice, que foi minha mestranda e meus ex-doutorandos Ricardo, Junia, Rita, Luciana e Ronaldo. Alegro-me com o sucesso de cada um.

O tempo e a paciência de vocês não permitem que eu cite todas as lembranças desse período, mas como esquecer o apoio de meus colegas nos momentos de dor e de perdas.

Cito apenas dois que me marcaram muito. Em julho de 1995, meu marido ficou 39 dias no hospital, 18 em coma induzida. Eu acabara de ser eleita junto com Georg Otte para a chefia do então departamento de Letras Anglo-Germânicas. Georg assumiu todas as tarefas do departamento para que eu ficasse de plantão na porta do CTI. Diariamente, apareciam colegas da PUC e da UFMG com palavras de conforto, me oferecendo seu ombro amigo. Lembra Elisa, do mantra que você me ensinou para repetir ao ouvido do José Eduardo?

Em 2012, foi minha vez de fazer um estágio no CTI do mesmo hospital e um dia apareceu ao meu lado uma médica, jovem e linda que não era da equipe que cuidava de mim. Seu nome: Cecília, hoje nossa colega na Faculdade de Medicina. E ela me disse: “sou filha da Graciela, sua colega, e mamãe pediu para que eu viesse aqui te ver”. Como esquecer esse carinho? Obrigada, Graciela. Obrigada Cecília.

Depois, no quarto, colegas me visitaram, outros mandaram recados dizendo que eu estava em suas orações.

Sou ateia, mas entendo as orações como energias que movem nossa rede sócio-afetiva. Muito obrigada a todos vocês que oraram por nós dois e que torceram por nossas vidas.

Volto à minha história na academia.

A UFMG me proporcionou muitos contatos e aprendizagens na Faculdade de Letras, com colegas de outras unidades e de outras universidades no Brasil e no exterior. Trabalhar na reitoria, na gestão de Cesar Sá Barreto e Ana Lucia Gazolla foi um desses momentos de muitas e diversas aprendizagens. Com César e Alfredo Gontijo, hoje presidente da Fundep, comecei a ouvir sobre conceitos da complexidade e os dois muito nos

ajudaram quando resolvi me enveredar com alguns doutorandos por essa teoria. Obrigada, Alfredo, por ter tido a paciência de nos ajudar. Alfredo nunca recusou nossos convites, seja para explicar um conceito que não estava claro para nós, seja para debater um filme à luz da teoria. Obrigada Laura Miccoli, por ter me presenteado com o primeiro livro sobre complexidade.

Mas a UFMG também alimentou o amor que sempre tive pelas plantas e animais. Como não amar a natureza ao nosso redor. Como não amar aquela *bougainville* que eu via da janela de meu gabinete ou os ipês brancos da reitoria e o da rotatória? Como não amar os animais abandonados por irresponsáveis aqui na universidade? Foram os gatos e as atrocidades contra eles que me aproximaram de Mailce, Silvana, Villalta, Miriam Christus, Fernanda Louro, e o trabalho da BastAdotar na luta para proteger esses animais. O objetivo da BastAdotar é diminuir a população de animais abandonados por meio de castrações e campanhas de adoção. Alugamos uma casa e para lá já foram levados muitos desses animais, mas não há espaço para todos. Enquanto isso, temos que alimentá-los e protegê-los dos maus-tratos de seus inimigos “humanos”. Infelizmente, ainda existe quem mata, quem destrói comedouros e quem joga água nos alimentos que damos a eles. Imperdoável!

A decisão de me aposentar não foi fácil. Achei que só sairia na compulsória. Em maio de 2018, ao participar de uma reunião da Congregação, em substituição à então coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, minha amiga Profa. Glaucia Lara, olhei para alguns dos jovens colegas e pensei: “não tenho mais a mesma energia dessa moçada; está na hora de me aposentar”. Decidi que o faria ao final de março de 2019, quando meu mandato como vice-coordenadora do Programa terminaria.

Em julho de 2018, entrei em turbulência. Pensei em desistir da aposentadoria e pedir uma licença para pós-doutorado no exterior, provavelmente na Austrália, onde tenho bons parceiros de pesquisa e amigos queridos. Até então, eu não tinha me permitido ficar longe de meu marido por tanto tempo. Foi um período de indecisão, revisão de minha vida pessoal, muito sofrimento emocional, seguido de crises de asma e de uma pneumonia. Acabei optando pela aposentadoria e pelo trabalho voluntário no Poslin. Virei mulher de fazendeiro, aliás, cozinheira do

fazendeiro, e hoje acompanho meu marido em suas viagens mensais a Patrocínio. A Internet permite que eu continue conectada com alunos e orientandos.

Lá tenho um escritório e faço as 4 coisas de que mais gosto na vida, além dos meus filhos e netos: ficar perto do José Eduardo, estudar, cozinhar e receber amigos em nossa casa.

Aposentar é reconhecer os sinais da velhice e a necessidade de trabalhar menos e viver mais. Mas os ideais da juventude ainda existem em mim e continuo firme na defesa da UFMG. Não tenho mais idade nem saúde para participar de uma vigília como fiz na década de 60, mas tenho as redes sociais, eventos e textos acadêmicos para me manifestar. Ainda tenho pernas para ir às manifestações.

Não podemos tolerar o arbítrio, a ameaça gratuita aos nossos dirigentes, o ataque à autonomia da universidade, as calúnias e a difamação contra nosso fazer científico e pedagógico.

Mexeu com a UFMG, mexeu com Sandra Goulart e com outros colegas de forma arbitrária, truculenta e injusta, mexeu comigo e acredito que mexeu com todos nós desta comunidade acadêmica. Nesses momentos, não temos divergências político-ideológicas. Somos todos UFMG. Somos todos universidade pública, gratuita, autônoma e de qualidade.

As mentiras que dizem contra nós são de uma perversidade extrema. Se nós, professores, fôssemos os doutrinadores descritos pelos seguidores do desbocado pseudo filósofo, o atual governo não teria sido eleito e o MEC estaria em boas mãos e não nas de um leviano, despreparado, com uma carreira acadêmica medíocre, que usa uma tosca pedagogia do chocolate, e publica vídeos ridículos cantando na chuva e tocando gaita.

Não doutrinei nem meus filhos. São 3 e cada um tem uma tendência política e religiosa diferente do outro.

Somos uma família de diferentes tanto em minha casa como na UFMG. Como dizia Voltaire “Quando não há, entre os homens, liberdade de pensamento, não há liberdade”.

Em uma época de intolerância, cada vez mais se impõe o respeito pela liberdade de pensamento, de expressão, o respeito à diversidade e aos diferentes, tão cultuados nesta casa,

Quando me aposentei, enviei um e-mail à comunidade da FALE dizendo que saía do meu cargo oficialmente, mas que a UFMG nunca sairia de mim. Disse também que foi na UFMG que me constituí como pesquisadora e onde tive muitas oportunidades e liberdade para experimentar e inovar no ensino, na pesquisa e na extensão. Só terei boas lembranças desse tempo e serei sempre muito grata à Universidade.

Muito obrigada a todos que estiveram ao meu lado nos momentos tristes e que também se alegraram comigo nos muitos momentos felizes que vivi e vivo em minha vida pessoal e profissional. Muito obrigada ao grupo de pesquisa do laboratório Lalintec, muito obrigada aos ex e atuais orientandos, muito obrigada aos meus co-autores e colaboradores, às editoras que acreditaram em nosso trabalho (especialmente à Pontes, à SM e à Parábola), muito obrigada aos colegas e amigos do Poslin, muito obrigada ao grupo do boteco, nosso botecário, atividade colaborativa de um pequeno grupo de colegas da UFMG, CEFET e UFOP. Afinal, não vivemos só da academia fundada pelos filósofos, mas também da energia dos amigos de Baco, o deus do vinho e o amante da paz.

Muito obrigada a vocês que tiveram a paciência de me ouvir.